



RELATÓRIO



Saint Paul

A vida das **MULHERES** no pós-pandemia

Pesquisa realizada pelo **GPTW**, **Saint Paul** e **ANAMBA** revela que, para uma parcela de mulheres mais escolarizadas e atuantes no mercado de trabalho, a pandemia trouxe mudanças positivas.

INTRODUÇÃO

O **Great Place to Work Brasil**, a **Saint Paul Escola de Negócios** e a **ANAMBA** realizaram uma pesquisa, com apoio da **Se Candidate, Mulher!**, para compreender como as mulheres foram impactadas pelos últimos 2 anos de pandemia, considerando o período entre fevereiro de 2020 e fevereiro de 2022.

O questionário online foi respondido entre maio e junho de 2022, e contou com 458 mulheres respondentes, **sendo a base composta majoritariamente por mulheres com pós-graduação (49%) ou graduação (34%)**, uma vez que o público das instituições parceiras são profissionais e estudantes de graduação e pós-graduação. 14% das respondentes têm mestrado ou doutorado e 3% estudaram até o ensino médio.

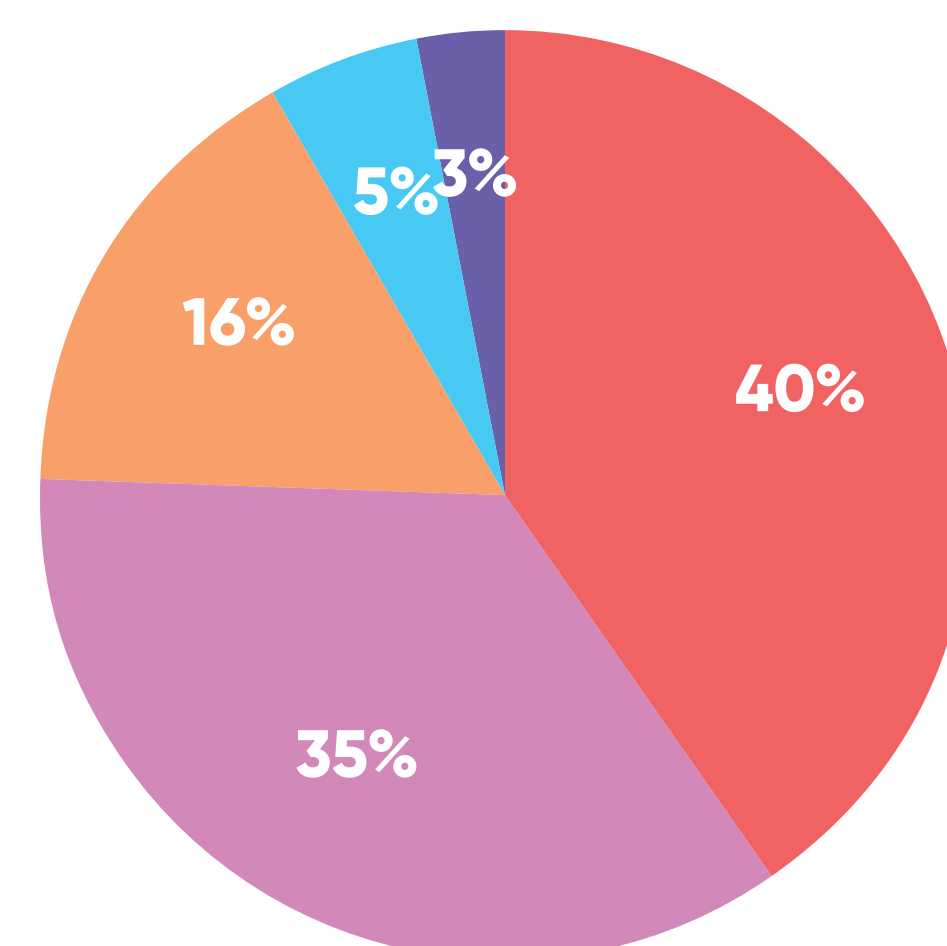
E já adiantamos que, para essas mulheres, no geral, **foi possível extrair algo de positivo das transformações decorrentes dos últimos 2 anos de pandemia.**

Além da escolaridade, outros fatores compõem o perfil das mulheres que responderam à pesquisa. **A maioria tem entre 25 e 44 anos, mora em São Paulo, é casada ou está em união estável, e não tem filhos.**

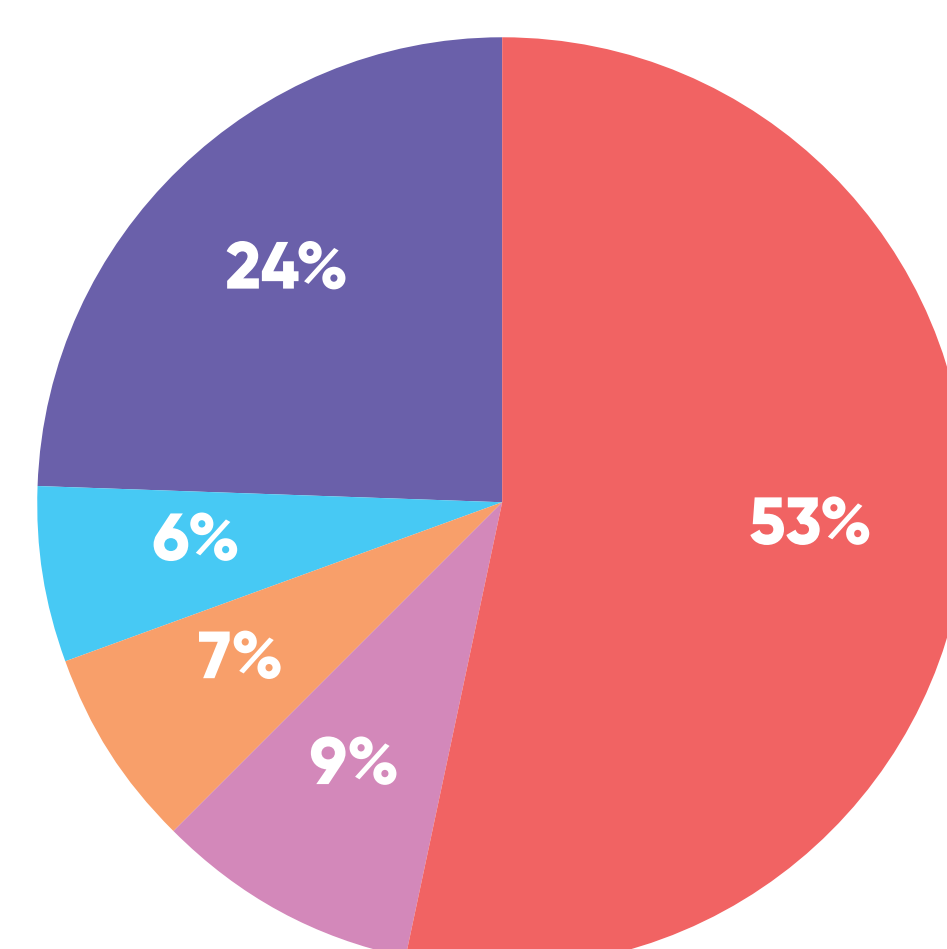
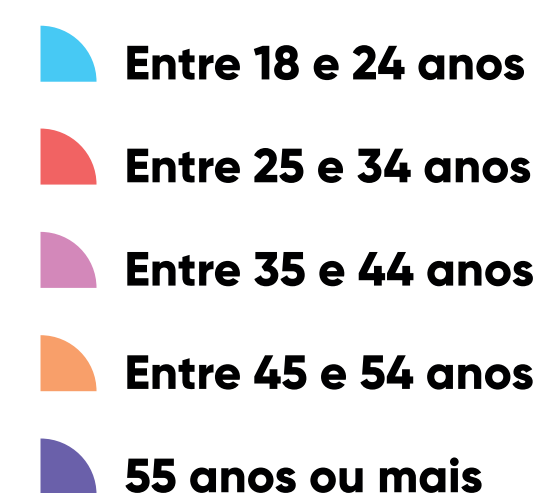
Ainda que a maioria de respondentes seja de mulheres com alta escolaridade, atingimos uma base que pode ser considerada diversificada em termos demográficos.



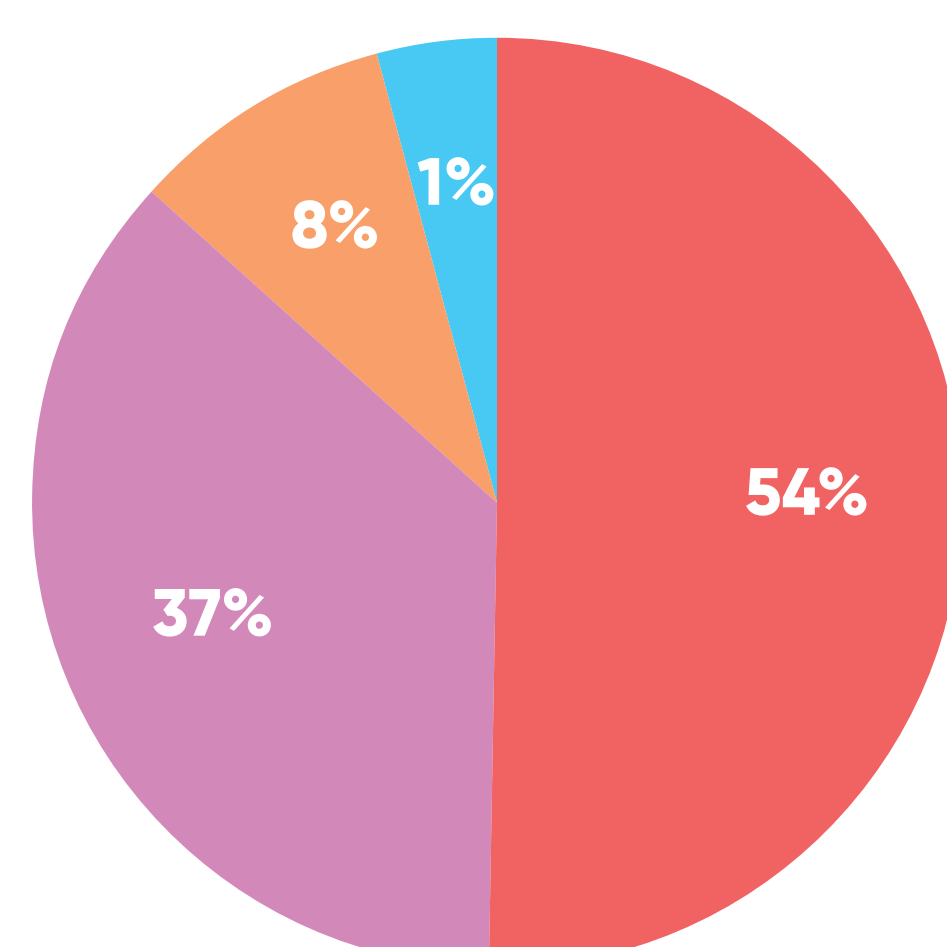
PERFIL DAS MULHERES RESPONDENTES



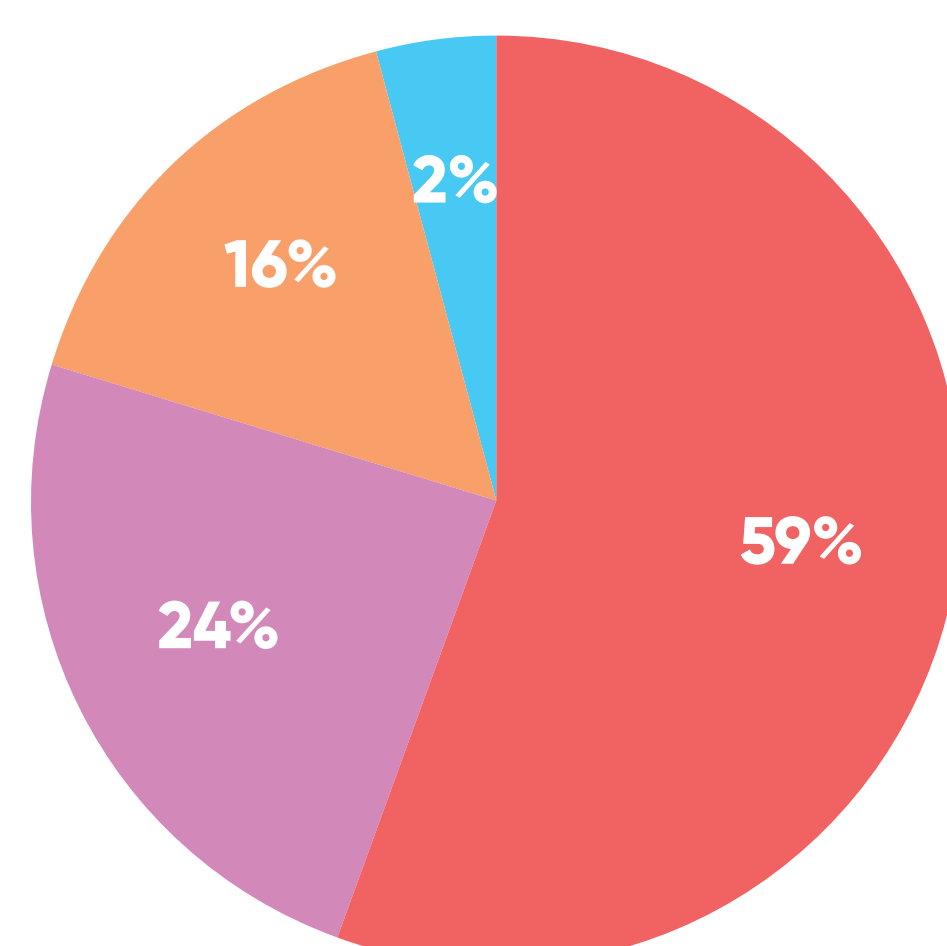
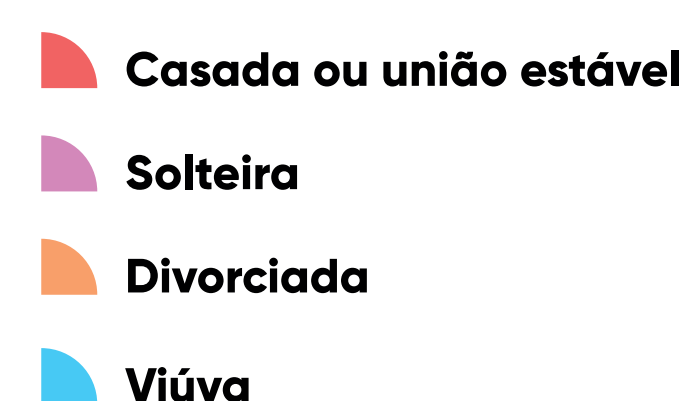
IDADE



LOCALIDADE

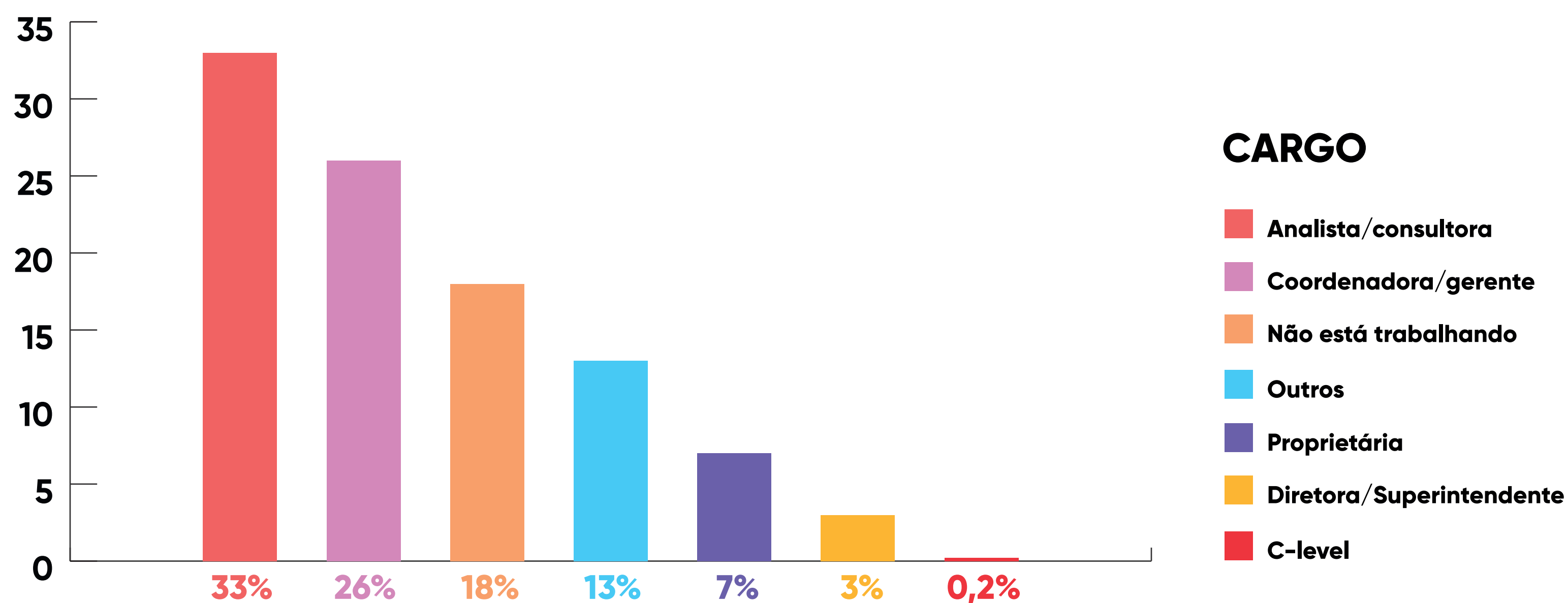


ESTADO CIVIL



FILHOS

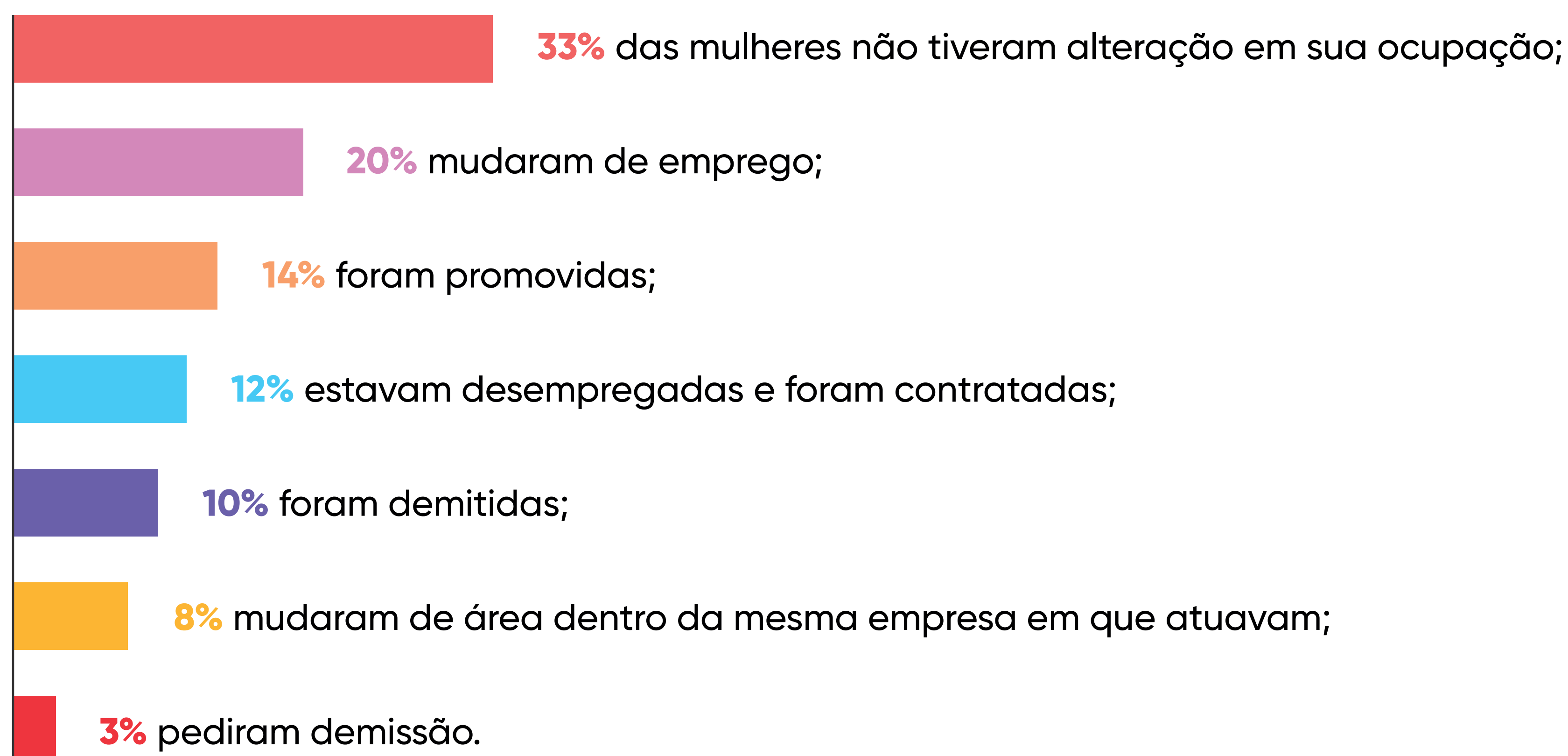




IMPACTOS DA PANDEMIA NO ASPECTO PROFISSIONAL

377 respondentes, o equivalente a 82% da base, estavam trabalhando no momento em que responderam ao questionário e, entre elas, **45% teve aumento de renda durante o período**, enquanto 30% manteve a renda e 25% teve diminuição.

Ainda considerando a parcela que estava trabalhando, 47% tem renda mensal de até 5 salários mínimos, e 27% entre 5 e 10 salários mínimos. Outros pontos positivos se destacam ao analisarmos as mudanças e avanços na carreira nesse período, como o baixo índice de demissões – mesmo no cenário desafiador em análise:



Contudo, há também outras questões a serem consideradas. **72% dessas mulheres se sentiram mais sobrecarregadas em seus trabalhos**, enquanto 53% disseram ter aumentado a sua produtividade. No que diz respeito aos relacionamentos profissionais, os resultados apontam para uma manutenção ou leve melhoria na relação com a equipe, e nenhuma ou pouca alteração na relação com as lideranças.

Ainda considerando as mulheres que estavam trabalhando no período em análise, **58% tiveram algum diagnóstico de transtorno mental.**



A RETROSPECTIVA PODE ATÉ SER POSITIVA PARA ALGUMAS... MAS A QUE CUSTO?

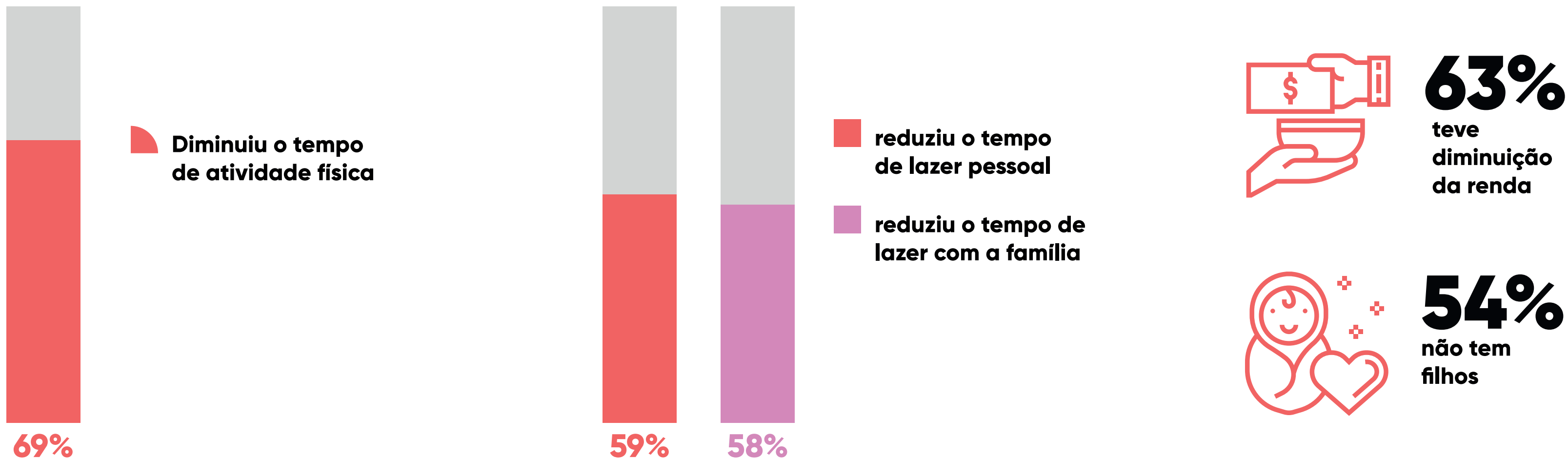
Passado o período emergencial da pandemia, notamos que, para esse perfil atingido pela pesquisa, **há aspectos positivos a serem destacados.** Pelo menos é o que foi apontado por 47% das respondentes ao serem questionadas se, no geral, após dois anos de pandemia a vida havia melhorado. E quem são essas mulheres que, após os dois anos de pandemia, conseguem avaliar positivamente as transformações?

Estamos falando de uma maioria que **não tem filhos ou tem até um filho, não é responsável pelo cuidado de outras pessoas, foi contratada ou promovida no período ou mudou de área na mesma empresa e teve aumento de renda.** Entre elas, houve mais tempo dedicado ao lazer pessoal e com a família, mais flexibilidade de horário, e melhora na convivência com as pessoas com quem dividem a casa. Além disso, 69% se sente mais preparada para lidar com situações imprevistas.

Entretanto, **71% aumentou o tempo dedicado às mídias sociais e 45% (maioria) reduziu o tempo de atividade física.** Além disso, **53% teve algum diagnóstico de transtorno mental,** mostrando que mesmo entre as que notaram melhora houve um impacto significativo no bem-estar psicológico.

Essa porcentagem é alta, mas mais baixa do que a parcela de mulheres que discordaram que tiveram melhoria na vida após a pandemia, entre as quais 70% teve algum diagnóstico de transtorno mental no período.

32% das entrevistadas discordaram que a vida melhorou após 2 anos de pandemia. Entre essas, a maioria:



COMO ESTÁ A VIDA DAS MULHERES QUE TIVERAM ALGUM DIAGNÓSTICO DE TRANSTORNO MENTAL?

Considerando a amostra total obtida na pesquisa, **60% das mulheres foi diagnosticada com algum transtorno ou distúrbio relacionado à saúde mental.**

Esse número é expressivo, portanto, faremos uma análise mais detalhada do perfil de mulheres diagnosticadas com algum transtorno mental durante esses dois anos de pandemia.

Lembramos que os dados apresentados não tratam, em nenhum momento, de relação causa-efeito entre os itens abordados. Eles estão apenas sendo apontados, como fatos independentes, que podem ou não estar correlacionados entre si.

Entre as 274 mulheres diagnosticadas com algum transtorno mental, como depressão e ansiedade, 49% têm até 34 anos e 51%, mais de 35 anos.

41% teve diminuição de renda nos dois anos contemplados na pesquisa. Entre as que tiveram essa redução, 40% foi demitida e 15% pediu demissão.

80% dessas mulheres concordam que **se sentem mais cansadas** do que antes e 66% afirmam que eram mais saudáveis antes da pandemia. Além disso, 62% dessas mulheres diminuíram o tempo de dedicado às atividades físicas, enquanto 73% aumentou o tempo dedicado às tarefas domésticas.

Mesmo com os desafios enfrentados, esses resultados se destacam:

Ao serem questionadas se a pandemia trouxe algumas mudanças boas, **70% dessas mulheres afirmaram que sim**. Ao serem questionadas se a pandemia trouxe algumas mudanças ruins, 65% concordaram. E, por fim, ao serem questionadas se, no geral, após 2 anos a vida melhorou, **42% disseram que sim**, 38% discordaram e o restante respondeu de forma neutra.

Ou seja, mesmo entre as mulheres diagnosticadas com alguma questão de transtorno mental, ainda houve uma percepção positiva referente a algumas transformações impulsionadas pela pandemia. Considerando os resultados anteriormente apresentados, será uma consequência da possibilidade de ter mais flexibilidade de horário e tempo de lazer?

E A EDUCAÇÃO? TEVE ESPAÇO NA VIDA DESSAS MULHERES DURANTE A PANDEMIA?

50% das mulheres tem formação nas áreas de ciências humanas ou ciências sociais aplicadas e, lembrando, 49% da base respondentes tem pós-graduação e 34% tem graduação.

Somente 20% das 458 respondentes voltaram a estudar por meio do ensino formal nesse período entre fevereiro de 2020 e fevereiro de 2022; **48% buscaram aprimoramento educacional informal** por meio de livros, cursos livres e outras ferramentas; e 11% buscaram aconselhamento profissional em processos de coaching, mentoria, entre outros.

Entre as mulheres que retomaram o ensino formal, 56% optou por uma pós-graduação ou MBA e 14% iniciaram uma segunda graduação. E, como esperado devido à gravidade da pandemia no período analisado, a maioria escolheu opções online ou híbridas.

CONCLUSÃO

Considerando os resultados obtidos na pesquisa – lembrando que estamos nos referindo a um grupo específico de mulheres em relação à escolaridade e idade, – pode-se dizer que houve, sim, algumas **transformações positivas para essa parcela da população feminina**.

A oportunidade de desfrutar de mais tempo em casa, dedicar-se à educação e, até mesmo, estar bem, saudável e viva após o período mais crítico da pandemia, podem ser alguns dos fatores de maior impacto nessa percepção.

É importante lembrar que, inicialmente, as análises da pandemia apresentavam somente o aspecto negativo das transformações na vida das mulheres e, principalmente, na busca pela equidade de gênero. Mas, sem desconsiderar todos os novos desafios impostos para as mulheres pelo período crítico da pandemia de covid-19 e o isolamento social, é interessante termos, agora, dados que **mostram um caminho com possibilidades mais otimistas** e – por que não? – onde podemos até mesmo colher alguns frutos nesse momento de retomada.



EQUIPE

Direção e Pesquisa:

- **Daniela Diniz** – Diretora de Conteúdo e Relações Institucionais no GPTW Brasil
- **Profa. Dra Alessandra Costenaro Maciel** – Presidente da ANAMBA
- **Prof. Dr Roberto Flores Falcão** – Diretor de comunicação, eventos e pesquisa da ANAMBA
- **Prof. Dr. Adriano Mussa** – Sócio, Reitor e Diretor de I.A. na Saint Paul
- **Profa. Dra. Bianca Sincerre** – Vice-Diretora Geral / Deputy Dean na Saint Paul
- **Profa. Dra. Suzana Battistella** – Head da Coordenação Acadêmica na Saint Paul
- **Profa. Ms. Heloiza Izumi Hirano** – Head of High Impact Programs na Saint Paul

Redação e Edição:

- **Aline Bernardes** – Coordenadora de Conteúdo no GPTW Brasil

Conceito visual e diagramação:

- **Netto Gutierres** – Designer no GPTW Brasil

Colaboração:

- **Roberta Hummel** – Chief Operating Officer no GPTW Brasil

RELATÓRIO

A vida das **MULHERES** no pós-pandemia

Receba materiais exclusivos do GPTW
sobre o mundo do trabalho. **Clique aqui!**

www.gptw.com.br
atendimento@gptwbrasil.com.br
(11) 3093-7777



Saint Paul

